

A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM TURÍSTICA DE OURO PRETO/MG

TÚLIO CARDOSO RAMOS¹

ORCID - 0000-0002-3021-1373

RICARDO EUSTÁQUIO FONSECA FILHO²

ORCID - 0000-0001-5804-9120

JAIRO RODRIGUES SILVA³

ORCID - 0000-0002-6531-8592

Recebido em 12.06.2023

Aprovado em 15.07.2024

Resumo

Este trabalho consiste em discutir possibilidades de perceber melhor o espaço e a paisagem da cidade de Ouro Preto/MG, de forma descritiva, holística e induzida. Esta realidade pode fazer parte do processo de planejamento e desenvolvimento do turismo na cidade, no sentido de trazer a atividade turística para uma experiência além do imaginário, ademais da percepção do turista no espaço turístico, e de seus principais atrativos. Salienta-se este olhar, já que a cidade possui características naturais e culturais que podem auxiliar em uma experiência turística diferente. Desta forma, ressalta-se a vivência turística no contexto de análise e descrição da paisagem de forma indutiva e informativa. Contextualizada com o lugar turístico, na perspectiva de quatro mirantes urbanos como meio de percepção da paisagem, tanto do patrimônio histórico como do seu entorno, observando a evolução urbana cidadina, seus aspectos naturais e culturais na paisagem. Essa conjuntura pode ser transparecida também pela geografia do turismo, pois a geografia permite uma maior interpretação do espaço turístico. Logo, existe a possibilidade de trabalhar a paisagem, como forma de melhorar a observação, a comunicação, a interpretação e a sensibilidade do turista perante a cidade, utilizando a mesma em uma expectativa pedagógica voltada para percepção do meio ambiente, da geografia e do patrimônio cultural ouro-pretano.

Palavras-chave: paisagem; turismo; patrimônio cultural.

¹ Bacharel em Turismo (UFOP), Licenciado em Geografia (IFMG-OP), Mestrando em Turismo e Patrimônio (UFOP), Professor do Estado de Minas Gerais; tulioqramos@gmail.com.

² Bacharel em Turismo (UFOP), Licenciado em Geografia (IFMG-OP), Mestre e Doutor em Ciências Naturais (UFOP); Professor da Universidade Federal do Delta do Parnaíba; ricardo.fonseca@ufdpar.edu.br.

³ Licenciado em Geografia (UESB), Mestre em Ciência Florestal (UFV), Doutor em Geografia (UFMG); Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Campus Ouro Preto; jairo.rodriques@ifmg.edu.br.

THE PERCEPTION OF THE TOURISTIC LANDSCAPE OF OURO PRETO - BRAZIL

Abstract

This work consists of discussing possibilities to better understand the space and landscape of the city of Ouro Preto - Brazil, in a descriptive, holistic and induced way. This reality can be part of the process of planning and development of tourism in the city, in the sense of bringing the tourist activity to an experience beyond the imaginary, in addition to the tourist's perception of the tourist space, and its main attractions. This look is highlighted, since the city has natural and cultural characteristics that can help in a different tourist experience. In this way, the tourist experience is highlighted in the context of analysis and description of the landscape in an inductive and informative way. Contextualized with the tourist site, from the perspective of four urban viewpoints as a means of perceiving the landscape, both the historical heritage and its surroundings, observing the urban evolution of the city, its natural and cultural aspects in the landscape. This conjuncture can also be shown by the geography of tourism, as geography allows a greater interpretation of the tourist space. Therefore, there is the possibility of working with the landscape, as a way to improve the observation, communication, interpretation and sensitivity of the tourist towards the city, using it in a pedagogical expectation, focused on the perception of the environment, geography and the cultural heritage from Ouro Preto.

Keywords: landscape; tourism; cultural heritage.

1. INTRODUÇÃO

A paisagem pode ser estudada por diversas áreas do conhecimento, tais como: ecologia, arquitetura, geografia, cultura, patrimônio, turismo, dentre outras. Na concepção geográfica, a paisagem pode ser observada na produção do espaço a partir da descrição dos lugares em um determinado momento.

No âmbito da paisagem natural, podemos compreender a geologia, o clima, a geomorfologia, a topografia, a biogeografia e a hidrografia do lugar. Já no contexto social, a paisagem é percebida no espaço geográfico, ou seja, construído. Além da construção material, as manifestações culturais e sociais também fazem parte da paisagem, na qual o indivíduo a percebe e interpreta pelos filtros culturais e sociais, modificando (e sendo modificado pela) a sociedade.

Neste sentido, a presente pesquisa consiste na percepção da paisagem da cidade de Ouro Preto (MG). Por meio das abordagens da geografia do turismo, analisamos a paisagem ouro-pretana enquanto recurso turístico, sobretudo com um olhar amplo da paisagem, a partir da observação em seus mirantes urbanos.

A percepção pelo movimento modernista brasileiro, foi observada neste centro histórico enquanto patrimônio, embora tardia (na década de 1930), um dos primeiros movimentos de registro e salvaguarda nacional. Desta conjuntura, objetivamos o consumo de lugares e de lugares turísticos, e a cidade de Ouro Preto se (re)produz como patrimônio dinâmico.

Este cenário urbanístico e patrimonial será absorvido pelo turismo, visto que sua materialidade arquitetônica, histórica e cultural é também realizada na paisagem. Esta composição material e imaterial constituirá em uma nova valoração do centro histórico e de sua cultura no vislumbre de uma identidade, especialmente de uma identidade imagética.

Assim, a paisagem como imagem é uma fragmentação da realidade citadina, trazendo uma conotação simplória da verdadeira paisagem. O que nos leva à investigação da paisagem em sua totalidade, cuja a geografia do turismo pode auxiliar, desde a observação dos aspectos naturais e culturais produzidos na mesma. Dessa forma, os elementos humanizados podem ser resultantes das ações antrópicas do passado, por meio de suas marcas e heranças registradas na paisagem. Vista deste modo, o olhar a partir dos mirantes, permitem uma (re)leitura além dos roteiros turísticos tradicionalmente comercializados no seu centro histórico. Pelo exposto, apresentamos conceitos e definições que embasarão o estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O artigo busca compreender a possibilidade de interpretação da paisagem na perspectiva da estética inicialmente, em uma reflexão filosófica de Caquelin (2007). Abordando também a construção do conceito de paisagem pela geografia de Santos (2021), Ribeiro (2007), Luchiari (2001) e Boullón (1997), no qual se observa a percepção da paisagem no âmbito de um espaço geográfico natural modificado socialmente pela cultura, pela ação e pelo trabalho do homem.

Nessa dinâmica, a paisagem encontra-se com a atividade turística, onde esta será usada pelo turismo, como também a própria atividade pode produzir, reproduzir e modificar paisagens, perspectiva essa da geografia do turismo enquanto análise concreta e prática.

Portanto, a pesquisa se desenvolve nos parâmetros de uma paisagem que pode ser parte e análise desta geografia do turismo, dentro do espaço turístico de Ouro Preto. Sendo assim, na primeira parte do artigo, discuti-se quais são as possibilidades e percepções condicionadas pela geografia do turismo a partir do conceito de paisagem. Usando pesquisas e trabalhos, como o de Silva (2012), sobre paisagem notável e outros estudos de análise paisagística sobre: a evolução urbana, geomorfologia, cartografia e turismo, etc.

Na segunda parte do artigo, observamos a construção da paisagem no tempo e sua relação com o turismo. Dessa forma, abordamos a perspectiva da produção da paisagem no contexto histórico, artístico e geográfico, e como a paisagem será utilizada pela atividade turística. Entretanto, é necessário considerar a percepção paisagística no âmbito de sua totalidade, em um formato mais abrangente, no qual este encontro entre o indivíduo e a paisagem será constituído sensorialmente pela experiência com o lugar, de acordo com Tuan (2013).

Esse lugar, serão os mirantes urbanos e turísticos na cidade ouro-pretana, como meio de observar a paisagem e aborserve-la na conjuntura da geografia do turismo. A esse respeito, na terceira parte do trabalho foram elencados 10 mirantes, com discussão da percepção da paisagem de quatro deles. Por fim, na última parte, de forma breve, buscamos desenvolver habilidades e perspectivas educacionais, usando os mirantes como possibilidade metodológica de percepção, observação e interpretação da paisagem. Abordando a indução prática dos aspectos geográficos naturais e artificiais percebidos dentro da paisagem da cidade. Para tanto, explicamos adiante como foi realizado o estudo.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como características o estudo do espaço geográfico no contexto da paisagem, no qual Cauquelin (2007) irá ressaltar a criação da paisagem em uma reflexão mais filosófica entre a arte, natureza, estética e sua contemplação. Já no âmbito geográfico, salientamos a paisagem na analogia de Santos (2021), na sua concepção sobre paisagem natural e paisagem artificial. A paisagem será trabalhada também de acordo com Ribeiro (2007), abordando concepções sobre cultura e patrimônio, visto que esta tipologia tem uma valoração social. E ainda a compreensão da paisagem contemporânea segundo Lucchiari (2001), onde a paisagem ganha uma conotação relacional da natureza domesticada pelo

homem e do senso comum, de uma artificialidade usada para uma abordagem publicitária e mercadológica. Consideramos ainda a visão de Boullón (1997), quanto aos elementos da paisagem geográfica, quais sejam: topografia, vegetação, clima e habitat (estruturas artificiais).

No entendimento da geografia do turismo, observamos o estudo apontado por Cruz (2003), no qual o espaço turístico é uma prática social do turismo, sendo a paisagem um atrativo, sendo produzida e utilizada culturalmente e em outro olhar absorvida pela mídia. Por sua vez, Rodrigues (1997), traz uma reflexão da relação do espaço com o turismo, abordando a atenção para a produção deste espaço e suas transformações, trazendo a concepção de lugar e uma analogia entre a geografia e o turismo.

Na perspectiva filosófica e artística, a paisagem ouro-pretana foi palco de grandes artistas e naturalistas desde tempos passados, tais como Rugendas e Saint Hilaire no século XIX, e no século XX, pelos modernistas e pintores como Alberto Guignard, Carlos Bracher, Ivan Marquetti, e outros personagens.

Na compreensão do espaço geográfico físico usamos a carta geotécnica de Carvalho (1982), com diretrizes para a organização geológica e litológica dos bairros e regiões de Ouro Preto. Já na concepção de evolução urbana e paisagística utilizamos a pesquisa de Oliveira (2010), como também o trabalho de Silva (2012), sobre paisagens notáveis e de Gimmler Netto (2014), a respeito da produção e organização urbana paisagística. Outras observações realizadas na paisagem são perspectivas do ponto de vista do relevo, processos de erosão, deslizamentos, etc., foram buscadas análises feitas por Ferreira, Lana, Conti Jr. e Leite (2004), especialmente do bairro Vila São José e no Morro do Curral.

Foram realizados trabalhos de campo utilizando máquina fotográfica para elencar a quantidade de mirantes urbanos que o distrito sede possui, juntamente com o uso do Inventário de Oferta Turística do município, uma vez que estes mirantes são também atrativos turísticos. Coletamos dados com coordenadas geográficas, altitude e distância por meio do GPS *Garmin Map 78s*, no intuito de possibilitar a criação de roteiros turísticos e geográficos a pé, seguindo o conceito de caminhabilidade de Speck (2017), no qual observamos a acessibilidade e a mobilidade urbana. Assim, foram observados 10 mirantes, em que se interpretou quatro com maior detalhamento.

Por fim, é necessário salientarmos o conhecimento prévio que o turista e o indivíduo possui ao perceber a paisagem, trazendo para a análise a concepção do imaginário do espaço turístico antes da chegada ao destino. Neste sentido, abordamos o conceito de lugar de Tuan (2013), visto que a experiência com o ambiente é absorvida pela sinestesia desde a infância, despertando os sentidos para direções e percepções que ajudam na comunicação do espaço com o observador. Definidos os métodos, avançamos na apresentação dos resultados analisados à luz dos autores de geografia do turismo.

4. RESULTADOS

4.1 A percepção e a paisagem geográfica

A percepção é o processo de organizar e interpretar os dados sensoriais recebidos para desenvolver a consciência de si mesmo e do ambiente Davidoff (1976). Por sua vez, Balçetis e Lassiter (2010), consideram-na como “o processo ou resultado de tornar-se consciente de objetos, relacionamentos e eventos por meio dos sentidos, o que inclui atividades como reconhecer, observar e discriminar”.

A percepção de pessoas é chamada “percepção social” e envolve julgamento e avaliação, conotando em subjetividade que pode ocasionar em erro do “percebedor” Pisani, Pereira e Rizzon (1994).

Rodrigues (1997) e Xavier (2007), estão de acordo que a paisagem é a matéria-prima do turismo. Para tanto, o olhar converge como sentido mais notável para o percebedor, corroborando para a interpretação do patrimônio de Murta e Albano (2002), veja exemplo da cidade histórica de Ouro Preto enquanto patrimônio da humanidade. Para tanto, constatamos o mesmo, ora amostrado na oferta turística de atrativos e equipamentos turísticos do destino, na forma de seu *website* turístico Ouro Preto (2023): igrejas, museus, parques, minas, mirantes, cachoeiras e trem turístico; quanto em outros destinos turísticos, tais como Bento Gonçalves Dall’Agnol e Gastal (2008) e Teresina Rocha e Macêdo (2016).

No âmbito filosófico, a paisagem pode relacionar-se com a percepção imaginada de um quadro pintado fixado em uma parede, ou no jardim de uma casa na acepção de paisagismo. Esta vertente artística faz parte do modo de ver, no domínio não externo da paisagem, a partir de uma perspectiva, um contato formatado no interior da pessoa que a observa.

Deste contexto artístico e cultural, a paisagem escapa e vai além da decoração, da perspectiva e ilusão geométrica de uma representação figurada, ela existe por si mesma, ocupa seu lugar no espaço. De acordo com (Raimundo, 2011, p. 22):

Na sociedade ocidental, a paisagem surge na Era Moderna como instrumento para representar o mundo. Focado principalmente nas artes, o termo aparece provavelmente pela primeira vez na Holanda, em fins do século XV, como recurso para expressar uma técnica de pintura, destacando os enquadramentos, os ângulos de visão dos pintores que buscavam outras estratégias para se transmitir a noção de perspectiva, tentando não se apoiar apenas nos pontos de fuga.

Desta complexidade paisagística, estética, artística, natural e produzida socialmente, todo este espaço concreto, local onde a natureza sofre mudanças, é tocada, modelada e assolada, sobretudo de forma antrópica. Desta forma, “a paisagem participa da eternidade da natureza, um constante existir, antes do homem e, sem dúvida, depois dele. Em suma a paisagem é uma substância” (Cauquelin, 2007, p. 39).

A paisagem consiste também na estética, no qual “(...) pode-se dizer que, para Aristóteles, a Beleza é uma propriedade do objeto e consiste, principalmente quando aparece como Belo, na harmonia das partes de um todo que possua grandeza e medida” (Suassuna, 2014, p. 58). Entretanto, “a beleza é, assim, não uma propriedade do objeto, mas uma certa construção que se realiza dentro do espírito do contemplador, uma certa harmonização de suas faculdades” (Op. cit., p. 31). Desta percepção, a paisagem faz parte deste sentimento objetivo e subjetivo. Objetivo porque se trata da percepção paisagística material, da arte, da cultura, da técnica, de um horizonte, e, subjetivo no âmbito da expectativa psicológica, sociológica, cultural e histórica do espectador.

Assim sendo, a estética faz parte da paisagem de Ouro Preto, no âmbito de sua contextualização histórica, artística, cultural e arquitetônica. A partir do modelamento do relevo na exploração aurífera e também do princípio de formação da sociedade de uma época, que permitiu a produção do espaço urbano com casarões, ruas e vielas, edificações civis, militares e religiosas. Deste modo, a evolução urbana da cidade consiste em peculiaridades estilísticas de momentos materializadas na paisagem atual, valorizadas e apropriadas pela atividade turística. Isto é notório nas edificações imagéticas do centro histórico da urbe, percebida na valorização do patrimônio das igrejas barrocas, dos monumentos, dos chafarizes, das minas de ouro e das construções coloniais.

Desta conjunção, encontramos a concepção do nosso objeto a partir da geografia, por meio da categoria de análise da paisagem. “Amplas e importantes contribuições para a construção do conceito de paisagem são apresentadas pela Geografia, que explora, em suas bases epistemológicas, conceitos importantes como as relações entre a sociedade e a natureza (...)” (Boas; Marçal, 2014, p. 96). Em sua formação epistemológica, a categoria de paisagem foi se modificando e ganhando conotações diferentes conforme as escolas de pensamento geográfico, sobretudo, na Geografia Tradicional, nos conceitos de paisagem e de região. “Durante longo tempo, a geografia foi definida como uma pura forma de descrição de paisagem. Sua tarefa consistia em aprender a morfologia do espaço. O que significava essa morfologia, não se esclarecia” (Moreira, 2012, p. 53).

Desta forma, a compreensão da paisagem não consiste apenas em seu contexto físico. Até porque, a Escola Francesa contribuiu para humanizar a ideia de paisagem pelo seu Determinismo Geográfico, porém concedeu crítica em sua visão curta relacionada a parte ecológica, já que “sínteses de geografia física, realizadas durante a “idade de ouro” da geografia regional francesa, pecavam pela falta de cultura biológica e ecológica. É fora da França que devem ser procuradas as raras tentativas para apreender a paisagem na sua totalidade” (Bertrand, 2004, p. 143). De toda maneira, esta construção física e humana vai fazer parte da paisagem, trazendo pontos positivos para sua substância conceitual.

A ideia de paisagem se modifica na Geografia Teorética-Quantitativa⁴, em um formato mais geométrico, organizado e planejado. Nesta Nova Geografia, o conceito de região se sobressai a concepção da paisagem. De outro modo, a paisagem vai ser contextualizada também na Geografia Cultural, na relação entre o meio e a produção social do espaço, no qual o espaço é compreendido na concepção de um espaço vívido. Logo, “para a geografia cultural, a paisagem sempre representou a expressão material do sentido que a sociedade dá ao meio” (Luchiari, 2001, p. 15).

Neste sentido, a paisagem faz parte do contexto imagético de um momento observado pelo indivíduo, na percepção natural, mas também na produção do espaço no tempo, onde o observador também faz parte da paisagem do lugar. Logo, esta deve ser percebida como uma representação da produção social, pois se trata de um observador

⁴ “Com a emergência da geografia teórico-quantitativa, apresentada por seus teóricos como uma revolução na geografia, troca-se a paisagem pela geometria em busca padrões de organização do espaço” (Moreira, 2012, p. 53).

com uma visão de mundo, até porque as formas percebidas neste espaço são produtos humanizados, parte de uma cultura construída no tempo.

Outra concepção paisagística formatada na atualidade, especialmente quando se fala da geografia do turismo, é a paisagem contemporânea. Desta forma, segundo (Op. cit., p. 21), “a paisagem contemporânea é uma concepção híbrida, carregada de natureza e cultura, de processos naturais e sociais; a paisagem não se esgota, não morre”. Portanto, o espaço presente modifica a paisagem, já que esta representação sofre alterações constantes. Assim, o que se têm é um conjunto de feições, do antigo ao contemporâneo. Desta reunião paisagística representada no espaço, compreende-se a formação de uma identidade, de uma memória concebida no lugar, o lugar da cidade ouro-pretana.

De toda forma, é preciso compreender que espaço e paisagem não são o mesmo, de acordo com Milton Santos (2021), a paisagem é um todo de representação, mas não é a representação de um todo, pois ela é fragmentada em um determinado momento, em um determinado espaço. Constituída de objetos fixos, as formas e conteúdos foram criados por uma técnica, no qual nos remete a uma totalidade já dada, cristalizada no tempo. Diferentemente do espaço que, além dos objetos criados, é formado pelas ações da sociedade no passado, mas também das ações da sociedade no presente. Para o autor, a paisagem é composta por fatores naturais e artificiais, onde é preciso observar o natural sem ação antrópica ao meio, e o artificial a partir da construção dos objetos no espaço pela técnica. Assim, “a paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano” (Op. cit., p. 23). É possível perceber que está paisagem não se cria de uma vez. Ela está em constante mudança, seguindo a concepção da produção do espaço e de sua evolução.

Apesar da paisagem ser uma realidade já dada, seja ela uma representação do espaço em um determinado momento, existe o processo de indução da interpretação da paisagem, sobretudo com relação aos objetos contidos. Esta leitura pode ser conduzida pela sociedade, mas é também formada para outros anseios identitários, como a criação de um destino turístico. Em contrapartida, é necessário que o indivíduo, a sociedade e o turista vivenciem esta paisagem de forma autêntica, ultrapassando a compreensão da

materialidade e da aparência fragmentada. Nesta perspectiva de interpretação, é preciso compreender além, buscar um significado na paisagem à segunda vista, como a turística.

4.2 A paisagem turística de Ouro Preto

Na efervescência do Ciclo do Ouro, o espaço geográfico ouro-pretano foi constituído e permeado por uma sociedade recém-formada segundo Vasconcellos (1904). De um metal de grande valor, se teve um adensamento populacional formado por uma miscigenação de povos e culturas. Deste contexto supracitado, observamos a geografia do turismo, a atividade turística e sua relação com o espaço geográfico em tempos recentes. De acordo com (Cruz, 2000, p. 21), “o espaço geográfico é o principal objeto de consumo do turismo e disso decorre uma das mais importantes especificidades da prática social do turismo: o consumidor-turista tem de se deslocar até o produto a ser consumido, o lugar turístico”. Neste sentido, percebemos o lugar de origem do turista, o seu trânsito e o lugar do destino. Portanto, o turismo faz parte desta dinâmica espacial, a partir do espaço geográfico, em sua organização, transformação e especialmente nas experiências socioculturais.

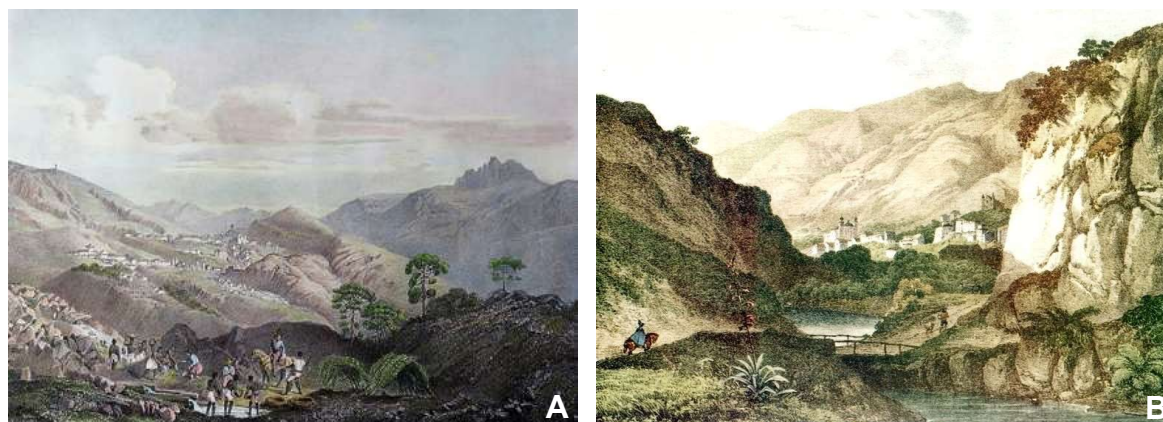
A partir da geografia do turismo é possível notar a concretude além desta conjunção turística de origem, transporte e destino. A geografia do turismo se encontra também no lugar, no território e na paisagem, mesmo na percepção fragmentada, em que é possível perceber elementos como: o clima, a geomorfologia, a flora, a hidrografia, dentre outros. Em contrapartida, notamos também a evolução urbana, a produção social do espaço, a dicotomia entre paisagem urbana e rural, no qual, até mesmo o turismo faz parte deste processo, na acepção da indústria do turismo, da globalização, ou mesmo do terceiro setor de prestação de serviços. E por fim no sentido cultural, de patrimônio e de memória.

Em suma, a geografia do turismo aplicada, pode ser observada ainda na cartografia como uma ferramenta de localização, como uma necessidade da demanda turística para se locomover no destino, ou mesmo, como parte do planejamento e organização do turismo. Assim sendo, esta pesquisa se orienta na construção, evolução e percepção da paisagem do lugar Ouro Preto, principalmente em sua paisagem contemporânea, na descrição em escalas e recortes. Primeiramente em sua paisagem natural que antecede a chegada dos bandeirantes, antes do Ciclo do Ouro, baseada em seus aspectos naturais,

no qual a paisagem vai se modificando de acordo a produção do espaço urbano, tanto na materialidade quanto na imaterialidade de seu contexto sociocultural.

Neste sentido, notamos a paisagem ouro-pretana no século XIX, com Rugendas (1979), em sua observação estética e cartográfica sobre o Brasil, sobre Minas Gerais e sobre Vila Rica. No caso de Vila Rica, Rugendas descreveu o relevo, a hidrografia, a geologia e a sociedade. “Logo ao entrar na região, percebe o viajante os progressos do mal pela decadência das aldeias outrora florescentes e a multidão de casas abandonadas” (Op. cit., p. 80). Das representações feitas pelo naturalista, é possível perceber imagens no contexto de representação da parte natural e artificial da paisagem (Figura 1). Sobre uma perspectiva artística, observamos a hidrografia pelo rio, o relevo pelas serras, a vegetação pelas araucárias, as edificações civis e religiosas, e a sociedade. Apesar da percepção estética do artista, é importante frisar que se trata de uma pintura, não de uma fotografia que é um recorte preciso sobre o espaço no tempo.

Figura 1 - Litogravuras de Vila Rica no Século XIX.



Fonte: A) Rugendas, 1823; B) Rugendas, 1858.

Outro naturalista, Saint Hilaire (1975), também descreveu a cidade nos Novecentos, em um contexto paisagístico cotidiano de um tempo, observando as moradias, a hidrografia, a vegetação, o lazer, dentre outros aspectos. Em sua descrição, o relevo é um elemento importante na paisagem, na realidade de organização da urbe, pois “montanhas que, por todos os lados, dominam a cidade, casas antigas e em mau estado, ruas que descem e sobem, eis o que se nos apresentou aos olhos quando entramos na capital da Província de Minas. Descendo sempre acabamos rodeado por morros elevados” (Op. cit., p. 69).

O artista Alberto Veiga Guignard, já no século XX, pintou a paisagem com suas características, expondo os vales e colinas no seu trabalho. Suas formas e suas cores trazem uma perspectiva no espaço e no tempo, notória na Figura 2 abaixo. Essencialmente, notória no culto à natureza, a cultura e nas representações que fazem parte da identidade da cidade. Marcadas na dinâmica da paisagem, já que “desde então as pinturas de paisagem que transformam “a simultaneidade do espaço em um acontecimento no tempo – isto é, uma sequência irreversível de acontecimentos” – têm se tornado cada vez mais populares” (Tuan, 2013, p. 152).

Figura 2 - O artista, a paisagem e a obra de arte.



Fonte: A) Guignard, 1961; B) Guignard, 1962.

A paisagem citadina será marcada também em uma acepção urbana, no sentido de sua evolução, especialmente pela indústria *Aluminum Canadian* (ALCAN), em meados do século XX e mais tarde com criação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Todavia, o processo urbano se encontra atrelado ao turístico, particularmente quando a cidade se torna Patrimônio Mundial da Humanidade em 1980, sendo a primaz brasileira. Por certo, a paisagem e o patrimônio enquanto imaginário do turista, conforme o marketing turístico do destino, aufere nos mirantes um suporte para apreciação da relação sociedade-natureza.

4.3 A paisagem turística de Ouro Preto percebida pelos mirantes urbanos

A paisagem ouro-pretana será absorvida pela atividade turística em diversos aspectos, posto que se trata de uma identidade imagética criada e promovida para e pelo turismo. Desta presunção, como podemos mensurar esta paisagem temporal, dinâmica e

singular, indo além desta concepção de oferta turística, de produto, publicitária e de um cenário constituído?

Uma das possibilidades é a compreensão do espaço geográfico de forma integrada, o espaço notado na oferta turística, na infraestrutura local, mas também na produção urbana da destinação. Na tentativa de perceber o lugar em sua concepção dos fixos e fluxos turísticos por meio de experiências além das iniciais, do centro histórico citadino.

Neste cenário de patrimônio histórico e cultural, observamos a geografia física, através da geomorfologia, até porque o relevo é um dos principais fatores na evolução paisagística de Ouro Preto, pois “a forma urbana resultante da lógica colonial tem como principal característica a adaptação ao relevo” (Gimmler Netto, 2014, p. 76). A geologia e seus contrastes de formação fazem parte igualmente desta produção do espaço na paisagem, já que “a paisagem do sítio urbano é dominada pela expressão topográfica decorrente da estrutura geológica e dos contrastes litológicos” (Carvalho, 1982, p. 28). E, ainda, a descrição da vegetação, hidrografia, clima, evolução urbana e concepção de centro-periferia, e outros que auxiliam na percepção da experiência turística na paisagem.

A descrição da paisagem pode ser um elemento importante para o entendimento do destino turístico Ouro Preto, na lógica de compreender os panoramas no todo. Portanto, salientamos 10 mirantes urbanos da cidade sede, como lugares e atrativos turísticos entre vales e colinas (Quadro 1). Neste âmbito, iremos discorrer sobre quatro mirantes: o do Morro São Sebastião, o de São Francisco de Assis, o da Igreja de Santa Efigênia e o da UFOP. Grande parte dos mirantes urbanos se encontra no centro histórico, já que as irmandades religiosas construíram as igrejas em locais com boa topografia, de grandes altitudes, no contexto de imponência social frente às outras irmandades existentes em Vila Rica. Desta forma, além da atratividade da edificação religiosa, os adros das igrejas são pontos de observação da paisagem. Entretanto, existem outros mirantes que ficam em torno do centro histórico e trazem uma percepção da periferia para o centro, como o Mirante da UFOP e o Mirante ao lado da Igreja de Santa Efigênia, no bairro Alto do Cruz.

Quadro 1 – Mirantes Urbanos da cidade de Ouro Preto/MG.

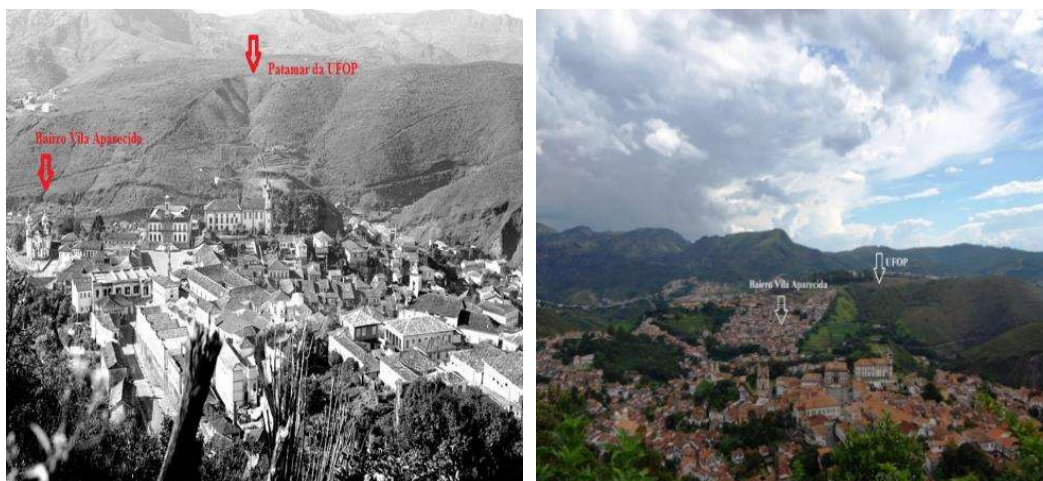
Mirante	Altitude (m)	Coordenadas geográficas (UTM)	
Igreja de São Francisco de Paula	1.182	655707	7745464

Morro São Sebastião	1.260	656278	7745621
Igreja das Mercês e Misericórdia	1.663	656103	7745316
Igreja de Nossa Senhora do Carmo	1.158	656046	7745081
Igreja de São Francisco de Assis	1.135	646245	7745055
Lajes	1.174	656576	7745329
Morro da Forca	1.140	655989	7744820
Rua Getúlio Vargas	1.106	655652	7745185
Igreja de Santa Efigênia	1.161	656982	7744847
Universidade Federal de Ouro Preto	1.206	655856	7744106

Fonte: Autor (2020). Legenda: UTM - projeção Universal Transversa de Mercator.

Desta conjuntura, ressaltamos primeiramente os mirantes localizados no centro histórico. Bem como, o Mirante do Morro São Sebastião (Figura 3) abaixo, ocorre a maior altitude média entre os mirantes, em torno de 1260 m. Devido ao aclave pela ladeira João de Paiva, o acesso ao mirante a pé é uma caminhada curta, mas necessita de um esforço físico intenso. Com esta altimetria, observamos grande parte da cidade ao sul e de leste a oeste. Percebemos também a evolução urbana do bairro da Vila Aparecida, especialmente a partir da década de 1960⁵, ao sul da cidade. Ao lado direito da paisagem do bairro, há um pequeno vale com algumas árvores esparsas. Provavelmente, essa vegetação faz parte do curso hidrológico da vertente para o vale. Ao lado esquerdo, encontramos o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFMG-OP) e a UFOP, com uma geologia de materiais lateríticos e um depósito de bauxita, juntamente com eucaliptos.

Figura 3 - Vista do Mirante do Morro São Sebastião.



Fonte: A) Autor desconhecido, 1950(?); B) Autor, 2019.

⁵ Apesar de, em 1969, bairros como Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Pilar, Antônio Dias e Alto da Cruz continuarem se adensando, nota-se um desenvolvimento da ocupação em direção à Serra de Ouro Preto, principalmente no Morro Santana, São Cristóvão, Morro São Sebastião, ao norte; além da Vila Aparecida, Vila dos Engenheiros e Vila Itacolomi, ao sul (Oliveira, 2010, p. 82).

Na paisagem acima, contrastamos no tempo a produção do espaço urbano ao sul da cidade, seu adensamento populacional e a mudança do relevo pela geomorfologia urbana. Percebemos uma vegetação densa com árvores em embate com o centro histórico, entre a Rua Pandiá Calógeras e o bairro do Alto das Dores, ao lado da Igreja das Mercês e Perdões, próximo à Igreja de São Francisco de Assis construídas em áreas planas e estáveis⁶. Notamos ainda, o Morro da Forca em uma colina aplainada, onde a chamada ‘Estação Trem da Vale’ pode ser um vale que dá continuidade ao Morro da Vila São José, onde é notório um movimento de massa mais antigo na vertente, erosões e ainda modificações na serra em patamares, com escoamento hidrológico do interflúvio até a sua base, no sentido de evitar outros deslizamentos. O processo de urbanização também é latente no Bairro Jardim Alvorada, entre o morro da UFOP e a continuidade da vertente, onde se instala a indústria ALCAN em um fundo de vale entre a UFOP e o Morro do Curral.

A produção do espaço é perceptível em novos bairros como o Santa Cruz a leste, ao lado do morro do Alto da Cruz e o Novo Horizonte, mais perceptível a partir de 1989, mais ao sul, abaixo do Pico do Itacolomi, dentro do Super Grupo Itacolomi, incluso da área do Quadrilátero Ferrífero. No pico e seu entorno é possível descrever a geomorfologia pela exposição do quartzito, com vegetação de gramíneas em trechos mais elevados. Outros elementos da paisagem são os vales e colinas, de ação antrópica sobre vários momentos. Sobretudo com o crescimento populacional na década 1950, já que na época colonial, o crescimento foi de leste a oeste da cidade⁷, em áreas periféricas ao núcleo central. A população do distrito-sede dobrou em uma geração: de 14.772, em 1960, para 27.821, em 1980 – é de atualmente, aproximadamente, 74.824 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023).

Por assim notarmos, deste mirante é conhecida a produção do espaço urbano entre as edificações, especialmente no âmbito de contraste da arquitetura barroca da Igreja de São Francisco de Assis, da Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões, o Museu da Inconfidência e o bairro Vila Aparecida com construções mais recentes. A oeste da cidade,

⁶ Com efeito, observa-se que o núcleo principal da cidade foi construído de acordo com o seguinte esquema geral: Igrejas e seus anexos em áreas planas, estáveis, no topo de colinas, em patamares da encosta, ou no fundo dos vales mais amplos (Carvalho, 1982, p. 5).

⁷ A ocupação urbana colonial estende-se, no sentido leste-oeste, acompanhando a cota intermediária da Serra de Ouro Preto e o fundo de vale. Já as ocupações mais recentes expandem-se no sentido norte-sul, incluindo as encostas de altas declividades em direção ao topo da Serra de Ouro Preto (Gimmler Netto, 2014, p. 17).

é possível perceber o início da rodovia de acesso para Belo Horizonte, uma das saídas da cidade. Como ainda, ao sudoeste do espectador, e a oeste da cidade, a observação dos bairros da Água Limpa, Cabeças e uma parte do São Cristóvão, juntamente com a componente da Serra de Ouro Preto. Logo, são visíveis as diferenças entre a topografia, a geomorfologia, como ainda o adensamento do bairro São Cristóvão da base para cima.

No patamar da Igreja de São Francisco de Assis, umas das paisagens mais notáveis da cidade pela composição do Largo de Coimbra, da Feira de Pedra Sabão, da Casa de Gonzaga e ao fundo o Pico Itacolomi. Nesta região, citamos a Pousada do Mondego, das mais antigas da cidade, corroborando a proposta de Brusadin e Silva (2012), do conceito de “hotel-patrimônio” juntamente com outros meios de hospedagem históricos, o que é ratificado pela conceituação do Ministério do Turismo (MTur) para o Sistema Brasileiro de Classificação Hoteleira (SBCLASS) com os “hotéis históricos”. Desse modo, prendemos a vista para a Igreja de Santa Efigênia (Figura 4) abaixo, no qual é possível fazer algumas observações. Com uma altimetria em torno de 1.135 m, ocorre a observação da lateral da igreja, com o olhar voltado a leste, o contraste da cor verde e o adensamento urbano de vários tempos. Observamos também a continuidade da Serra de Ouro Preto, a qual se vê a urbanização sobre a vertente do relevo do bairro Morro Santana, Piedade e sua continuidade a leste, tendo o lugar da Igreja de Santa Efigênia, uma topografia mais plana, para depois um leve aclive para o bairro Santa Cruz sob as colinas. Portanto, neste sentido, entendemos a forma de relevo pela vertente de parte côncava e convexa.

Figura 4 - Vista do Mirante da Igreja de São Francisco de Assis.



Fonte: A) Autor desconhecido, 1921; B) Autor, 2018.

Deste mirante é possível mensurar uma parte da Serra de Ouro Preto, paisagem essencial ao norte do sítio urbano, uma das principais formações geológicas e geomorfológicas da cidade. Nas “Lajes” com escoamento hidrológico do interflúvio até a base, na Formação Moeda, característico pelo “quartzito lajes” em tonalidade entre o branco e o castanho vivo, devido aos óxidos de ferro. Notamos ainda, as diferentes vegetações na paisagem, de gramíneas nas partes altas a outros locais arbustivos, e a presença até mesmo de araucárias no centro, registradas nas imagens de Rugendas no século XIX. Já ao sul da cidade, se tem o Pico Itacolomi com sua geomorfologia característica do quartzito, em consonância com a paisagem das edificações do centro, mas também dos bairros mais novos.

Logo, deste mirante é possível mensurar as variedades de observação pelo adro da Igreja São Francisco de Assis, pelo contraste da paisagem, pela vegetação, pela urbanização e pelo relevo, em declive e suavização geomorfológica. De uma exposição do conjunto heterogêneo que discorre sobre si, formando uma imagem de inclinação da vertente sobre o plano da Igreja de Santa Efigênia e sua continuidade (Figura 5). Podemos observar também, a geologia acima das Lajes, as diferenças topográficas divididas entre colinas e vales, erosões, o Pico do Itacolomi, a urbanização recente no decorrer da Ladeira de Santa Efigênia, combinando a arquitetura colonial com a contemporânea sobre a encosta, de uma vegetação mais densa na paisagem.

Figura 5 – Vista do Mirante da Igreja de Santa Efigênia.



Fonte: Autor, 2019.

A leste da cidade (Figura 6), pelos bairros do Alto da Cruz, Santa Cruz, Padre Faria e Alto das Dores, é possível fazer uma descrição da paisagem por outro olhar, L-W, sob uma altimetria em torno de 1.161 m. Sobre um patamar ao lado da Igreja de Santa Efigênia, se expõem os sentidos do observador pelo contraste dentro da paisagem e pela quantidade de edificações religiosas compreensíveis, a visão se torna diferente de outros mirantes, a percepção é mais distante do centro histórico. Por se tratar do lado oposto, compreendemos a urbanização da cidade a oeste, no qual atrás do centro histórico, percebemos a Serra de Ouro Preto dividindo a composição de imagem urbana sobre a paisagem mais naturalizada pelo relevo e pela vegetação.

A partir do ponto de visada à direita do espectador é possível observar a continuidade da Serra de Ouro Preto pelos novos bairros do Alto da Cruz, Morro Santana e Piedade, estes por uma visão mais próxima do observador. Não obstante, notamos as construções mais recentes, no qual as moradias foram instaladas sobre a vertente de alta declividade, o declive é perceptível a partir do lado oeste do Morro Santana, à direita do espectador. Como ainda na parte baixa, à direita, onde percebemos no Alto da Cruz, imóveis construídos em níveis topográficos desiguais, em contraste com a vegetação. Por uma percepção diferente, distinguimos o olhar periférico do distrito sede, apesar deste ser parte do Caminho Tronco de Vila Rica (núcleo fundador). O observador explora primeiro as casas mais próximas a sua visão, para depois ter-se uma olhar sob a arquitetura colonial ao fundo, do centro histórico. Bem entendido, diferente dos outros mirantes abordados anteriormente.

Figura 6 - Vista do Mirante da Igreja de Santa Efigênia.



Fonte: Autor, 2019.

Outro detalhe sob o olhar paisagístico deste mirante urbano, se percebe na vista, na dinâmica da atenção pela concepção histórica de sua localização, no contraste da percepção da Igreja de Santa Efigênia, mas também pelo ambiente de construções mais recentes dos bairros em torno do lugar (Figura 8). Sendo assim, ressaltamos a paisagem observada da franja urbana para o centro histórico, no âmbito da interpretação urbana para a serra, morros, urbanização, erosões, mineração do ouro etc. E como podemos notar, assumimos os mirantes enquanto instrumento metodológico para percepção da paisagem, fortalecendo a geografia do turismo do lugar, além de uma imagem fragmentada da paisagem.

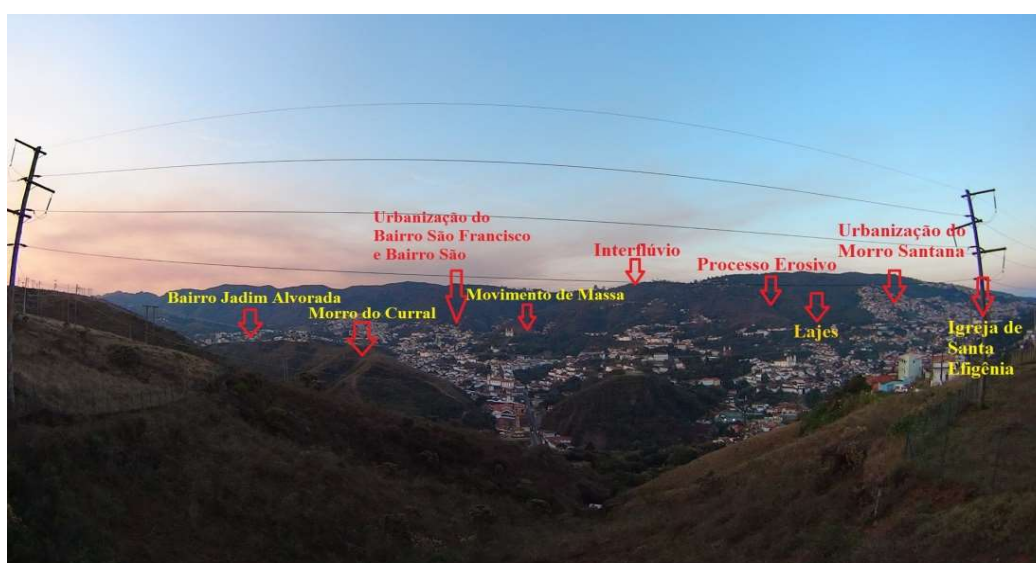
4.4 Paisagens turísticas como metodologia de percepção e possibilidades de ensino e aprendizagem geográfica

Na concepção do turismo, as paisagens turísticas auxiliam na compreensão do destino, no qual a geografia auxilia na percepção e interpretação do lugar, e, no caso de Ouro Preto, este fato é real. A paisagem percebida em sua realidade deve ser uma apresentação na sua totalidade, onde a geografia do turismo permite esta analogia. Desta realidade, o mirante da UFOP é uma possibilidade de percepção, observação e interpretação da cidade (Figura 7), em consonância com o turismo pedagógico. A escolha deste mirante vai ao encontro de perceber a paisagem de forma mais integrada, com uma visão mais panorâmica, de frente para a Serra de Ouro Preto, paisagem considerável, elemento principal da paisagem urbana para maior entendimento da produção do espaço citadino. Divisor de água entre a Bacia do Rio das Velhas e do Rio Doce, em que ocorre um desnível em torno de 300 m da serra para as partes mais baixas. Com uma geologia composta pelos Supergrupos Minas e Rio das Velhas, segundo Oliveira (2010), e Formações Moeda, Batatal, Cauê, com grande número de erosões desde a época da mineração do ouro. Deslizamentos também são comuns, conforme Gimmler Netto (2014), em virtude das estações chuvosas e prolongadas na declividade topográfica acentuada.

É interessante observar também um pouco do contexto hidrográfico, juntamente com o relevo, pois, além da questão das chuvas, a Serra de Ouro Preto possui transporte de água devido à quantidade de nascentes tributárias ao Rio Doce, de caráter dendrítico no

Ribeiro do Funil, e retangular no Córrego Tripuí. A formação geológica e sua litologia podem ser observadas em contextos paisagísticos, como, por exemplo, de acordo com Carvalho (1982), a Formação Cercadinho, dentro do Grupo Piracicaba, predominantemente vigente na área urbanizada mais antiga, bairro Cabeças, Rosário, Praça Tiradentes, Antônio Dias e Alto da Cruz, com uma litologia dominante de filito e quartzito, onde são comuns deslizamentos superficiais. Vislumbrando, por exemplo, no corte da Igreja de São José em tempos passados, em razão da xistosidade e do filito prateado exposto. Em locais com predomínio do quartzito na superfície, as encostas são mais estáveis, como nas Lajes.

Figura 7 - Vista do Mirante da UFOP.



Fonte: Autor (2019).

Outro detalhe observável na paisagem pelo mirante da UFOP, está na percepção geomorfológica a partir da formação do solo, mais espesso em locais mais baixos, no contexto entre vale e colinas. Como ainda o relevo no âmbito da evolução urbana colonial de leste a oeste, passando pela Praça Tiradentes, ou seja, da Igreja do Padre Faria à Rua Alvarenga, no bairro Cabeças. Em contrapartida, observamos os bairros mais recentes como Santa Cruz, Vila Aparecida e a ocupação das encostas da Serra do Veloso, dos bairros Morro Santana e Piedade, especialmente na década de 1980, como aponta Gimmler Netto (2014). De acordo com Oliveira (2010), a região sul da cidade, o bairro Bauxita e seu entorno, teve sua ocupação urbana na cidade de 115 hectares em 1950, a 568 hectares, em 1986, sobretudo em virtude da expansão da metalúrgica ALCAN e depois a UFOP.

Podem ser observadas ainda, outras características a partir deste mirante, como o Morro do Curral paralelo ao bairro Vila São José e seu adensamento urbano, ou mesmo deslizamentos, erosões neste mesmo Morro. O Morro da Forca também faz parte desta acepção do relevo, como mesmo, captamos a vegetação de alguns locais específicos para a observação. De toda forma, são vários aspectos geográficos que podem ser absorvidos pela atividade turística, no olhar individual, através dos mirantes, na leitura paisagística.

De qualquer maneira, a percepção do espectador é construída na realidade do seu conhecimento, como também pela promoção e publicidade, no qual, a partir de uma identidade criada do lugar, a paisagem será difundida pelos meios de comunicação. Entretanto, esta compreensão deve ser observada na prática, no destino turístico, principalmente como possibilidade de criação de roteiros turísticos a pé. Embora Ouro Preto possua um relevo característico de aclives e declives acentuados, a observação e interpretação do espaço turístico a pé são mais compreensíveis, pois, a comunicação com o lugar se torna mais concreta, a absorção e entendimento é mais direta, se têm um olhar mais criterioso para os detalhes da paisagem. Até mesmo uma troca com a comunidade, com a cultura local. De acordo com Speck (2017, p. 40) “a comunicação direta, presencial, certamente é possível em qualquer ambiente. Mas é mais fácil em uma cidade caminhável”.

A cartografia na leitura geográfica pode auxiliar na interpretação do lugar, no ensino e aprendizagem, já que a cartografia temática e a cartografia turística são parte da comunicação do lugar com o turista por meio do mapa. Desse modo, esse mapa turístico contribui com esta percepção voltada da universalidade do espaço e da paisagem, pois, além do mapa em si, o mapa turístico se ajusta ao texto, à informação e à fotografia, ao qual a comunicação se torna mais concreta entre o espaço turístico e sua representação. De acordo com Fernandes (2001), o mapa turístico de Ouro Preto deveria ter as ruas, as igrejas e monumentos, os hotéis e restaurante, as lojas e serviços, em conjunto com informações históricas, geográficas, infraestrutura local, dentre outros. Contudo, a interpretação visual deveria ser feita em áreas menores para uma maior comunicação.

O trabalho de Rezende (2011), sobre a cartografia turística ouro-pretana, nos remete à reflexão da necessidade de um mapa integrado entre a beleza visual, a informação e a cartografia. Desta análise, além da estética, das fotografias áreas e dos atrativos, o mapa turístico necessita de uma comunicação direta e informativa, em que os elementos

cartográficos são necessários, como o título, a escala, a legenda, a iconografia dos lugares: atrativos, equipamentos e serviços turísticos. O mesmo autor assinala, no caso de Ouro Preto, da exigência de representar também os becos e vielas, já que estes auxiliam na mobilidade urbana e permitem um turismo de experiência mais conectado entre o turista e o espaço turístico citadino.

Desta forma, além das fotografias dos principais atrativos e imagens aéreas, os mirantes urbanos podem ser colocados em figuras, em formas dentro do mapa, contextualizando o texto, a informação com a percepção prática da paisagem por meio dos mirantes ajustados a caminhabilidade pela cidade.

Assim, a partir de uma cidade caminhável, por meio de roteiros turísticos a pé, englobando os mirantes urbanos acoplados a cartografia, sob um olhar dentro do centro histórico e seu em torno, nos traz uma concepção interessante para o turismo de experiência. Segundo (Tuan, 2013, p. 21), “o espaço experienciado quando há lugar para se mover. Ainda mais, mudando de um lugar para o outro, a pessoa adquire um sentido de direção”. Portanto, a harmonia conectada a leitura de paisagens por meio de mirantes, mediante roteiros turísticos, são produtos viáveis para uma concepção desenvolvimentista para percepção, observação e interpretação da cidade. Lembrando que estes roteiros podem incluir não apenas os mirantes, mas também os principais atrativos turísticos, podendo absorver a educação ambiental, patrimonial e turística, onde os aspectos geográficos podem ajudar nesta absorção e experiência patrimonial, cultural e geográfica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na concepção da atividade turística, baseado no estudo de Ouro Preto, em um contexto da geografia do turismo, no âmbito dos aspectos notáveis da paisagem, consideramos que os objetos geográficos podem auxiliar na compreensão do destino turístico em vários contextos do lugar. Isto é perceptível na cidade quando se analisa a paisagem, suas características físicas, culturais e sociais, construídas neste espaço geográfico e percebidas na paisagem atual.

Dentro deste conjunto, salientamos que a cidade está segmentada no mercado do turismo de cidades históricas do estado de Minas Gerais, onde é destino indutor, parte de política pública recente, na tratativa de desenvolver e expandir o turismo na região. Logo,

este posicionamento é viável na perspectiva do planejamento e do mercado, até porque a cidade faz parte da história e da cultura do Brasil. Todavia, este processo de identidade cultural e patrimonial foi criado ao longo do tempo, especialmente devido ao seu patrimônio material e arquitetônico tombado nacionalmente e reconhecido internacionalmente.

Portanto, desta identidade cultural e histórica, consideramos a criação e a recriação do espaço geográfico. A todo tempo de caráter social e cultural, que em tempos recentes foi apropriado pelo turismo. Porém, é necessário frisar, levando em consideração o turismo, a possibilidade de expandir esta concepção segmentada no turismo histórico e cultural. E daí pensarmos o espaço turístico ouro-pretano no pressuposto de trabalhar melhor o destino, no âmbito da geografia do turismo e seus elementos. Através da paisagem dos mirantes urbanos, como lugar de observação, descrição, interpretação e compreensão da cidade, na conjuntura integrada entre os aspectos naturais e culturais da paisagem.

Sendo assim, por meio desta dinâmica geográfica e turística podemos desenvolver um olhar além da promoção do destino, da comunicação feita apenas pela imagem, pela paisagem do patrimônio cultural paisagístico. Logo, a harmonia entre a percepção paisagística, a experiência sensorial, a cartografia turística, a geografia do turismo, a caminhabilidade, e os mirantes urbanos, podem trazer um conhecimento mais concreto da cidade de Ouro Preto. E, por fim, a paisagem pode ser uma ferramenta de educação, de educação ambiental, geográfica, turística e patrimonial, seja ela concedida ao turista, ou mesmo no conhecimento para a comunidade autóctone.

REFERÊNCIAS

AUTOR. **Geografia do Turismo de Ouro Preto/MG**. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Ouro Preto, Ouro Preto, 2020.

BALCETIS, E.; LASSITERL, G. D. (Eds.). **Social psychology of visual perception**. Psychology Press., 2010.

BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. **Ra'eGa**, n. 8, p.141-152, 2004.

BOAS, Guilherme; MARCAL, Mônica. Geologia e estudo da paisagem aplicados ao turismo. In: ARANHA Raphael; GUERRA, Antônio (org). **Geografia Aplicada ao Turismo**. São Paulo: Oficina de Texto, 2014.

- BOULLÓN, R. C. **Planificación del espacio turístico**. 3. Ed. Ciudad de México: Trillas, 1997.
- BRUSADIN, L. B.; SILVA, R. H. T. O uso turístico do patrimônio cultural de Ouro Preto. **CULTUR – Revista Cultura e Turismo**, v. 6, n. 1, p. 69-89, 2012.
- CAUQUELIN, **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CARVALHO, Edézio Teixeira de. **Carta geotécnica de Ouro Preto**. Tese de Mestrado – Universidade Nova de Lisboa, 1982.
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à geografia do turismo**. 2º ed. São Paulo: Rocca, 2003.
- DALL’AGNOL, S.; GASTAL, S. Turismo e suas percepções – Bento Gonçalves (RS). **Anais... V Seminário ANPTUR**, Belo Horizonte, 2008.
- FERNANDES, I. P. C. **Mapa Turístico da região central do município de Ouro Preto**. Monografia de Especialização – Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.
- FERREIRA, S. B; LANA, M. S.; CONTE JR., A. A; LEITE, L. F. Movimentos em encostas de Ouro Preto, MG - o caso da Vila São José. **Revista Escola de Minas**, v. 57, n. 4, p. 235-240, 2004.
- GIMMLER NETTO, Maria Manuela. **A Paisagem de Ouro Preto**. Dissertação de Mestrado– Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.
- LUCHIARI, Maria TEREZA D. PAES. A (Re) significação da paisagem no período do contemporâneo. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001
- MOREIRA, Ruy. **O que é geografia?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.
- MTur. **Sistema Brasileiro de Classificação Hoteleira**. Disponível em: <<http://www.classificacao.turismo.gov.br/MTUR-classificacao/mtur-site/index.jsp>>. Acesso em: 12 jun. 2023.
- MURTA, S. M.; ALBANO, C. **Interpretar o Patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2002.
- OLIVEIRA, Fernando Duque. **Ocupação urbana de Ouro Preto de 1950 a 2004 e atuais tendências**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Ouro Preto, 2010.
- OURO PRETO. **Atrativos turísticos**. Disponível em: <<https://ouropreto.mg.gov.br/turismo/>>. Acesso em: 11 jul. 2024.
- RAIMUNDO, Sidnei. Paisagem, turismo e análise ambiental. In: TELES, Raimundo M. de Sá. (org.). **Turismo e meio ambiente**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- REZENDE, C. V. Cartografia turística: o mapa como mediador na interpretação do território de Ouro Preto-MG. **Revista Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n. 1, p. 17-26. 2011.
- RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.
- RODRIGUES, Adyr A. B. **Turismo e espaço** rumo a um conhecimento transdisciplinar. 2º ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

ROCHA, A. M.; MACÊDO, E. M. Percepção da população local sobre o fenômeno turístico: análises e reflexões (Teresina- PI). **Anais...** XIII Seminário ANPTUR, Rio de Janeiro. 2016.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Viagem pitoresca através do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. 8° ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Edusp, 2021.

SCIFONI, S. **A construção do patrimônio natural**. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Jairo Rodrigues. **Conformidades e conflitos ambientais no município de ouro preto como apoio à gestão e planejamento municipal**. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

SPECK, Jeff. **Cidade Caminhável**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SUASSUNA, Ariano. **Introdução a Estética**. 13° Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar** a perspectiva da experiência. Londrina/PR: Eduel, 2013.

VASCONCELLOS, Diogo de. **História Antiga das Minas Geraes**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Geraes, 1904.

XAVIER, H. **A percepção geográfica do turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.